



acervo

roteiros de visita

apresentação

O Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC USP) foi criado em 1963, quando a Universidade de São Paulo recebeu de Francisco Matarazzo Sobrinho, Ciccillo, então presidente do Museu de Arte Moderna de São Paulo, o acervo que constituía o MAM SP. Além desse acervo transferido para a USP, Matarazzo e sua mulher, Yolanda Penteadó, doaram ao novo museu suas coleções particulares, às quais se somaram aquelas efetuadas pela Fundação Nelson Rockefeller e os prêmios das Bienais Internacionais de São Paulo.

Hoje o MAC USP possui mais de 8 mil obras entre pinturas, desenhos, gravuras, fotografias, esculturas, objetos, instalações e trabalhos conceituais, constituindo um importante acervo de arte moderna e contemporânea, relevante patrimônio cultural na América Latina.

Como museu universitário, o MAC USP é um local de pesquisa, de formação educacional e de produção de conhecimento. Além das exposições, oferece diversas atividades e serviços como disciplinas optativas, cursos de extensão cultural,

ateliers, visitas orientadas, site na internet e biblioteca especializada.

A Divisão Técnico - Científica de Educação e Arte (DTCEA) concentra sua atuação no desenvolvimento de materiais educativos, na formação de monitores, na organização de exposições didáticas, em programas para públicos diversos, cursos à comunidade e em publicações que têm como objetivo geral favorecer um contato mais efetivo entre a obra e público visitante, especialmente professores e estudantes.

Dentro dessa proposta e com o patrocínio da Fundação Vitae, a equipe de educadores produziu o Acervo: Roteiros de Visita. Esse material propicia aos pesquisadores, professores e alunos recursos preparatórios e avaliativos de visitas ao museu universitário. Valoriza a idéia de museu também como "sala de aula", dinamizando processos criativos e a interatividade nas áreas do conhecimento.

Elza Ajzenberg
Diretora do MAC USP

Colega professor/a,

Nos últimos anos os museus afirmaram-se como espaços de educação essenciais no processo de ensino e aprendizagem. Cabe aos educadores de museus desenvolver recursos que intensifiquem a utilização desse potencial educativo privilegiado. No caso específico do ensino de arte, o contato com as obras originais é insubstituível.

Desde 1984 - ano em que começa a ser estruturado o setor de Arte-Educação do MAC USP, hoje Divisão Técnico-Científica de Educação e Arte - temos desenvolvido formas de abordagens pedagógicas da arte e colaborado com a formação do público de arte contemporânea.

Acervo: Roteiros de Visita foi criado com o objetivo de estimular a proximidade de professores e alunos com as obras do acervo do MAC USP, através de recursos que auxiliem no planejamento, no aproveitamento e no desdobramento das visitas ao museu. Pretendemos com o uso deste material didático que você se sinta mais confortável e com

maior autonomia ao percorrer as exposições do MAC USP com os seus alunos.

Cada ficha, como esta, é acompanhada pela reprodução de uma das 50 obras do acervo do MAC USP selecionadas para compor este material. Os critérios para a escolha das obras foram a sua relevância dentro de um determinado panorama da arte do século XX e a sua recorrente seleção pelas curadorias do museu, garantindo que este material possa, de fato, ser utilizado em paralelo às exposições.

Os conteúdos são abordados de modo a incentivar a postura de professor pesquisador. Queremos trocar experiências, acreditando que juntos poderemos aprimorar nossa práxis educacional e cultivar valores necessários à sociedade contemporânea.

Bom trabalho!

Christiana Moraes e Maria Angela Serri Francoio
Divisão Técnico-Científica de Educação e Arte

Victor Brecheret inicia-se no desenho, na modelagem e no entalhe em madeira no Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo, em 1912. Transfere-se para Roma em 1913 e frequenta o ateliê do escultor Arturo Dazzi, ao mesmo tempo em que se interessa pelas obras do iugoslavo Ivan Mestrovic e do francês Emile-Antoine Bourdelle, todos seguidores de Auguste Rodin. Brecheret, com *Despertar*, obtém o 1º Prêmio na Exposição de Belas-Artes em Roma, em 1916.

Em seu retorno, em 1920, é descoberto e aclamado por alguns modernistas, e desse contato nasce a sua inserção na **Semana de Arte Moderna de 1922**. Um exame das suas obras apresentadas na Semana indica uma defasagem em relação às conquistas das vanguardas européias. Na realidade, eram estilizadas e carregadas de uma dramaticidade muito próxima do léxico de seu professor Ivan Mestrovic, porém, para o nosso tímido ambiente artístico, foram tidas como revolucionárias.

Novamente, Brecheret empreende uma viagem entre 1921 e 1926, desta vez a Paris, sob o patrocínio do Pensionato Artístico do Estado de São Paulo, com *Mise au Tombeau*, o escultor recebe a premiação no Salão de Outono de 1923. Sobre sua estadia parisiense, Brecheret contaria "[...] o que lá encontrei era completamente diverso do que até então estivera aprendendo. Fiquei aturdido, confuso. Passei um ano sem trabalhar, embora freqüentasse ateliers e artistas. Depois, arrastado pelo meio ambiente entrei na minha fase modernista. Figuras em granito que só apresentavam volume (chamava-os de pneumáticos...). Ou concepções avançadas em que a geometria jogava com a forma, figuras essas executadas em cobre polido."¹ Pode-se ainda dizer que nesse período suas esculturas sofrem um processo de simplificação formal próxima da essencialidade de Brancusi e das linhas do Art Déco.

A produção de Brecheret nos anos iniciais da década de 1930 caracteriza-se por "algumas realizações experimentais de peças abstratizantes", mas depois "volta-se para a globalização de formas de torneado rústico enfatizando, através da marcação de arestas, os cortes dos planos. Suas obras tangenciam soluções apresentadas por Henri Laurens e Jacques Lipchitz na mesma época."²

Em sua primeira fase brasileira, entre 1936 e meados da década de 1940, "[...] nota-se que os módulos maciços da escultura arcaica grega são objeto de sua pesquisa, como o rompimento com o geometrismo e a preocupação por uma escultura de massa,



penetrada de um naturalismo comedido, ao qual se soma a expressão de vigor e sensualidade. Sua segunda fase brasileira (meados da déc. 1940 - 1955) inicia-se com a fase das pedras em que o artista se apropria de seixos graníticos rolados pelo mar e interfere nesses *objets trouvés* com incisões [...]. Estas obras se aproximam da produção de Moore, Arp e de Lipchitz."³

Atualmente, a historiografia artística aponta a necessidade de revisão da obra de Brecheret, pois "[...] sem nenhum vínculo com a rarefeita tradição escultórica brasileira, Brecheret deve ser analisado, como sugere Luiz Marques, no âmbito da escultura européia, com a qual trava um diálogo que marca sua trajetória de artista múltiplo. Atentando, aliás, para sua formação e sua longa permanência no estrangeiro impõe-se uma pergunta decisiva: até que ponto Brecheret pode ser considerado um artista brasileiro? Não pertencerá ele, de fato, à história da escultura européia, uma vez que não há em sua obra vínculos mais estreitos com a arte elaborada no Brasil naquele mesmo período."⁴

A presença de Brecheret pode ser percebida no espaço público da cidade de São Paulo - a exemplo do Monumento às Bandeiras (1921-1953), no Ibirapuera, do Monumento a Caxias (1941-1960), na Praça Princesa Isabel, ou ainda Fauno (1942), no Parque Siqueira Campos e nos monumentos fúnebres dos principais cemitérios paulistanos.

1 PELLEGRINI, 2000, p. 93.

2 ALVARADO, 1985, p. 15.

3 ALVARADO, 1985, p. 15-16.

4 FABRIS, 1995.

Três Graças, c. 1930
terracota,
106 x 42 x 50 cm
Doação Simone Bordat

A figura feminina associada à beleza, à sensualidade e também à força geradora de vida é uma presença constante na produção de Brecheret. **Três Graças** emprega a alegoria das três raças, três tipos de mulher: a oriental, a ocidental e a africana. **Três Graças** encontra-se sobre uma base arredondada, e se harmoniza com a disposição circular, em bloco, dos corpos maciços das três figuras femininas. O artista soube trabalhar o volume, em busca da solidez e da coerência entre seus elementos. Na construção desta obra, Brecheret privilegia a manutenção do gesto contido, por meio do entrelaçamento dos braços das figuras, como também a estilização e a simplificação. O tema é originário da antiguidade clássica e ao longo da história da humanidade, continua a ser interpretado por muitos artistas.

O interesse pela arte indígena, "[...] derivado dos seus trabalhos com o Monumento às Bandeiras, foi outra constante da última fase da obra de Brecheret. [...] Movido pelo desejo de criar uma escultura brasileira pesquisando as raízes indígenas, o escultor tinha em mente o que Mário de Andrade lhe aconselhara, em 1921 [...] 'estude os tipos dos nossos índios, tipos não desprovidos de beleza, unifique-os num tipo único, original e terá a maior das qualidades' [...]. Nesta séria tentativa de busca de uma escultura com características nacionais, Brecheret percebeu na arte primitiva indígena aquela organicidade estrutural que perseguia desde a década de 20."¹

Como observa a historiadora Daisy Peccinini, Brecheret reúne as qualidades do artista-artesão que experimenta e produz obras nos diferentes materiais como o mármore, pedra de França, granito e arenito, terracota e gesso, cimento e bronze.² Essa diversidade pode ser observada em outras peças escultóricas do artista, pertencentes ao acervo do MAC USP, entre elas: Santa Ceia, terracota da década de 1930, Graça II, gesso de 1940 e no bronze Luta de Índios Kalapalo, de 1951.

APROXIMAÇÕES

Professor/a, em **Três Graças** o artista emprega a alegoria das três raças, por meio de mulheres que representam as três principais etnias que constituem o povo brasileiro. Discuta com os alunos:

O que é uma alegoria?

Qual a diferença entre raça e etnia? Quais etnias constituem o povo brasileiro? Qual a importância da abordagem desse assunto no contexto do modernismo brasileiro das décadas de 1920 e 1930?

Quais características diferenciam as mulheres representadas na escultura? (Para responder é preciso observar a obra original).

A escuta atenta da música Meninas do Brasil, de Moraes Moreira e Fausto Nilo, poderá contribuir para as reflexões acima.¹

Pesquise com os alunos os lugares de origem da família deles.

Peça a participação dos pais no sentido de contarem as histórias dos seus antepassados. Elabore com os alunos um questionário como instrumento de apoio a esse levantamento.

Pais interessados poderão ser convidados para participar de rodas de conversas sobre esse assunto com as crianças e adolescentes em sala de aula.

A partir dos relatos dos pais e das informações coletadas nos questionários, auxilie os alunos na seleção de um aspecto significativo da origem deles, o qual será estímulo para a construção de uma escultura em argila.

O tema abordado nessa obra de Brecheret remonta à mitologia grega. Ao longo dos séculos, em diferentes culturas de tradição ocidental, artistas vêm se valendo da mitologia das Três Graças em suas criações. Embora haja sutilezas de sentido, de modo geral, as Três Graças evocam características atribuídas à civilidade, no sentido da convivência harmônica entre as pessoas. Elas representam, por exemplo, virtudes como conhecer, saber dar e receber, conversar, dançar, ceiar e pintar.

Oriente uma conversa sobre quais seriam as razões para que artistas representantes de diferentes contextos se utilizem de temáticas semelhantes.

Proponha uma pesquisa sobre outras obras que apresentam a mitologia das Três Graças e compare os aspectos formais e os contextos em que foram produzidas. Localize, por exemplo, as produções de Sandro Botticelli (Galeria Uffizi, A Primavera, c. 1482), Rubens (Museu Nacional do Prado, As Três Graças, 1639) e Antonio Canova (Museu Hermitage, As Três Graças, 1816). Dentre os artistas brasileiros vale a pena pesquisar Alfredo Ceschiatti (Museu de Arte Brasileira da Faap, As Três Graças, 1953), José Resende (As Três Graças, 2002). Relacione as obras pesquisadas com a de Brecheret em estudo.

Pesquise sobre o tema mitologia. A mitologia grega é bastante conhecida por ter sido utilizada como base da nossa cultura ocidental. No Brasil existem mitos ligados às culturas indígenas e afro-brasileiras.

Encaminhe uma reflexão sobre as possíveis situações nas quais seus alunos se deparam com fatos ou elementos mitológicos no cotidiano. Por exemplo, pensem nos livros que leram, nos nomes das pessoas que conhecem, nos filmes ou novelas que viram.

Para uma melhor compreensão do artista, pesquise: Semana de Arte Moderna de 1922.

¹ ALVARADO, 1994, p. 16.
² ALVARADO, 1994, p. 16.

¹ A música pode ser encontrada no cd Moraes Moreira - Acústico MTV, lançado pela EMI, em 1995.

Professor/a, **Acervo: Roteiros de Visita** disponibiliza outras 49 fichas como esta com as quais você terá subsídios para tecer relações entre as obras. As imagens reproduzidas neste material podem ser organizadas em torno de uma idéia construindo um roteiro, ou seja, um caminho através do qual se conta uma história, um elo entre as obras que se intensifica por meio de uma intenção.

Pesquise, dentre as obras disponíveis, quais conexões podem ser estabelecidas, considerando o seu planejamento pedagógico e a realidade do seu grupo de alunos.

A equipe de educadores do MAC USP sugere alguns indicativos de roteiros. Observe que há diversas maneiras de conduzi-los e você pode explorar as obras desta coleção agrupando-as segundo vários critérios:

- aspectos formais;
- propostas conceituais;
- períodos históricos (Ditadura Militar, a década de 1980, século XXI etc);
- movimentos artísticos (Cubismo, Futurismo, Surrealismo, Abstracionismo etc);
- linguagens plásticas (pintura, grafite, assemblage, escultura, objeto, instalação etc);
- gêneros artísticos (retrato, auto-retrato, figura humana, paisagem, natureza-morta);
- temática (arte e política, masculino e feminino, abstração e figuração, moderno e contemporâneo, mestres e alunos, arte e meio ambiente, arte e tecnologia, objetos do cotidiano, artistas mulheres, relações entre as artes visuais e outras linguagens artísticas etc);
- interesses dos alunos;
- temas transversais.

Essas são algumas possibilidades, você pode descobrir muitas outras!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVARADO, Daisy Peccinini. *Tributo a Brecheret: a cidade e o atelier: o escultor de São Paulo*. São Paulo, Pinacoteca do Estado: 1994.
- AMARAL, Aracy A. *Arte e meio artístico: entre a feijoada e o x-burger*. São Paulo: Nobel, 1982.
- BATISTA, Marta Rossetti. *Bandeiras de Brecheret: história de um monumento (1920-1953)*. São Paulo: Departamento do Patrimônio Histórico, 1985.
- BOTERO, Regina (org). *Skultura. Edição Especial MAC*. São Paulo: Ed. Arte Tridimensional., 1989. *Coleção MAC Collection*. Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo. São Paulo: Comuniquê, 2003.
- CHIARELLI, Tadeu. *Arte Internacional Brasileira*. São Paulo: Lemos, 1999.
- FABRIS, Annateresa. "O múltiplo de Brecheret". In: *Piracema*. Rio de Janeiro, n. 4, 1995.
- KLINTOWITZ, Jacob. *Mitos Brasileiros*. São Paulo: Projeto Cultural Rhodia, 1987.
- LOURENÇO, Maria Cecília F. *Operários da Modernidade*. São Paulo: Hucitec / Edusp, 1995.
- MILLIET, Sérgio. *Diário Crítico*. São Paulo: Martins / Edusp, 1981.
- MORAIS, Frederico. *A Crise da Hora Atual*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.
- _____. *Panorama das Artes Plásticas Séculos XIX e XX*. Projeto Instituto Itaú Cultural. São Paulo: Ed. Bandeirante S.A, 1989.
- O Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo*. São Paulo: Banco Safra, 1990.
- PELLEGRINI, Sandra Brecheret (org.). *Notícias de Brecheret*. São Paulo: Sandra Brecheret Pellegrini, 2000.
- PONTUAL, Roberto. *Entre Dois Séculos: a arte brasileira do século XX na coleção Gilberto Chateaubriand*. Rio de Janeiro: JB, 1987.
- Tradição e Ruptura*. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, 1984.
- Tributo a Brecheret - a cidade e o atelier: o escultor de São Paulo*. São Paulo: Pinacoteca do Estado, 1994.
- Tridimensionalidade: arte brasileira do século XX*. 2ª ed. São Paulo: Itaú Cultural: Cosac & Naify, 1999.
- ZANINI, Walter (org.) *História Geral da Arte no Brasil*. São Paulo: Instituto Walthier Moreira Salles, 1983.
- _____. *Tendências da Escultura Moderna*. São Paulo: MAC, Ed. Cultrix, 1971.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Reitor • Adolpho José Melfi
 Vice-Reitor • Hélio Nogueira da Cruz
 Pró-Reitora de Graduação • Sônia Teresinha de Sousa Penin
 Pró-Reitora de Pós-Graduação • Suely Vilela
 Pró-Reitor de Pesquisa • Luiz Nunes de Oliveira
 Pró-Reitor de Cultura e Extensão Universitária • Adilson Avansi de Abreu
 Secretária Geral • Nina Beatriz Stocco Ranieri

MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA

Diretora • Elza Ajzenberg
 Vice-Diretor • Kabengele Munanga
 Divisão Técnico-Científica de Acervo • Ariane Soeli Lavezzo
 Divisão Administrativa • Paulo Roberto Amaral Barbosa
 Divisão Técnico-Científica de Educação e Arte • Christiana Moraes e Maria Angela Serri Francoio (suplente)
 Divisão de Pesquisa em Arte - Teoria e Crítica • Helouise Costa
 Biblioteca Lourival Gomes Machado • Lauci Bortolucci

Acervo • Roteiros de Visita
 Apoio • Fundação Vitae
 Concepção e Realização • Divisão Técnico-Científica de Educação e Arte
 Educadores MAC USP • Christiana Moraes; Evandro Carlos Nicolau; Maria Angela Serri Francoio; Renata Sant'Anna de Godoy Pereira; Sylvio da Cunha Coutinho.

Coordenação Geral • Christiana Moraes e Maria Angela Serri Francoio
 Consultora em Educação • Heloisa Margarido Sales
 Textos de Contextualização e Leitura de Obras • Inform art Arte & design Ltda Vinício Frezza (coord.); Marco Antonio de Andrade; Silvana Brunelli e Sérgio Moraes Bonilha (assistente de pesquisa).
 Pesquisa Adicional, Adequação e Revisão dos Textos • Christiana Moraes e Maria Angela Serri Francoio.

Projeto Inicial • Maria Helena Pires Martins e Sylvio da Cunha Coutinho
 Secretária • Glória Araújo Antunes

Colaboradores • Anderson Cavalcante Rei (estagiário-monitor); Claudinei Roberto da Silva (estagiário-monitor); Eveline Maria P. da Silva (bolsista COSEAS); Flora Tosca A. A. Pescarini; Julio César de S. Reis (bolsista Cnpq Pibic); Karin Priscilla de Lima (estagiária-monitora); Leonardo Aparecido Mendonça T. Severiano (bolsista COSEAS); Marcela Vieira (bolsista COSEAS); Renê Miguel da Trindade (bolsista COSEAS); Sérgio Hannemann (bolsista COSEAS); Soraya Valto Braz (bolsista COSEAS);

Agradecimentos Especiais • Heloisa Margarido Sales; Claudinei Roberto da Silva; Marcela Vieira; Soraya Valto Brás e Christiane Suplicy T. Curioni.
 Projeto Gráfico • Elaine Maziero
 Arte Final • Carla C. do Carmo
 Impressão • Augusto Associados

2004 • MAC USP • Rua da Reitoria, 160
 05508-900 • Cidade Universitária • São Paulo • SP
 Email: educativo-roteiros@usp.br

APOIO:

